A coragem do discípulo na lógica do contrário: uma análise bíblico-pastoral a partir de Lc 6,27-38

Lucas Emmanuel Lacerda Ferraz[1]

Resumo

A figura do discípulo em Lc 6,27-38, tem como conjectura a vivência de uma "lógica contrária", que se perfaz no encontro-confronto com as realidades mais duras da sociedade em mudança de época, numa atitude corajosa de misericórdia e gratuidade. No mundo atual, a resposta discipular é constrangedora, pois a falta de amor tem induzido a sociedade ao lucro e à violência, e não ao amor. Com esta análise pretende-se uma aproximação à realidade do discípulo, qual o seu papel na Igreja e na sociedade atual, e quais os traços do seu itinerário pastoral para uma vivência cristã cotidiana.

Palavras-chave: Evangelho. Pastoral. Discípulo. Coragem. Misericórdia.

Introdução

Na obra lucana, o sermão, diferente do Evangelho segundo Mateus, mas com certo paralelismo, acontece num lugar plano após terem sido escolhidos por Jesus os Doze apóstolos. Isso faz com que se perceba que o discípulo, em Lucas, é uma figura próxima à realidade de partida para a missão, pois este, estando na planície, pode fitar os olhos com mais facilidade nas diversas situações que se lhe apresentam dentro do itinerário. Porém, essa caminhada só encontra sentido verdadeiro e profundo com um ensinamento e uma preparação que colocarão no discípulo as condições necessárias para a vida missionária. É a partir dessa condição que a coragem do discípulo vai, aos poucos, sendo construída, embasada na verdade do Evangelho para que este possa reagir às situações contrárias à lógica evangélica. Por isso, neste texto, pretende-se apresentar uma referência para se entender os caminhos pelos quais o discípulo deve percorrer em sua estrada missionária, não puro e simplesmente alheio e sem nortes, mas com os pés

[1] Estudante do 5° período da graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. *E-mail: lucas.2020110888@unicap.br*

fincados na chão da história, tendo como base as orientações de Jesus aos Doze, que chegam, com veemência, ao hoje do mundo. E isso, numa reação constante às situações e realidades do mundo atual que pedem, sempre mais, a começar do discípulo de Jesus, atitudes de misericórdia e gratuidade na vida de todos os dias, em oposição à violência e aos lucros exacerbados que galopam na sociedade contemporânea e a golpeiam. Para tanto, percorre-se um trajeto de compreensão da figura do discípulo em Lc 6,27-38, quais os traços de sua atuação pastoral-eclesial na atualidade, para uma atitude popular de anúncio do Evangelho, e como perceber e aplicar a vida renovada do discípulo nas situações mais duras em voga no mundo de hoje, permitindo-lhe um encontro com Deus através dos irmãos. Dito de outro modo, como encontrar Deus nos "bombardeios contrários" para um amor aos inimigos.

1 O discípulo em Lc 6,27-38: um comentário bíblico-teológico-hermenêutico

A perícope em questão para uma análise de compreensão do discípulo é Lc 6,27-38. Nela se percebe a identidade do discípulo missionário de Jesus que vive, em suas veredas na história, uma lógica contrária à do mundo, que muitas vezes preza pelas ideias lucrativas, violentas, de ódio e vingança, fugindo totalmente daquilo que Jesus inaugura com os novos óculos da fé: o amor aos inimigos, na gratuidade e com um coração misericordioso. Para tanto, é importante entender que a perícope está dentro do grande discurso inaugural de Jesus, após o evento da escolha dos Doze apóstolos ambientado na montanha, depois de uma preparação orante, e seguida da descida sua e de seus companheiros para um lugar plano. É aí que começa a se delinear a figura do discípulo: as linhas mestras de sua atuação vão, aos poucos, ganhando vigor e, ao mesmo tempo, se dotando de desafios "estranhos" aos olhos do mundo, para serem experienciados. Contudo, segundo Casalegno (2003, p. 115), faz-se necessário entender que "é lógico que a dimensão de bondade e de justiça, que caracteriza a atuação de Deus para com os necessitados, deve também caracterizar a atitude do discípulo". Ou seja, tornar-se discípulo de Jesus, tendo como pressuposto inicial de aprendizado a escuta (cf. Lc 6,27), que gera necessariamente a obediência (cf. Gl 3,2.5), deve abrir no coração

deste a disposição ao amor e à gratuidade, onde não mais a injustiça e a violência circundam os seus muros, mas a lógica recíproca do amor toma lugar. Eis o paradoxo a se viver!

Por isso, para uma melhor compreensão da figura do discípulo, três caminhos são importantes: o amor aos inimigos, o amor gratuito, e o amor que perdoa. Eles partem de um centro teológico, que é a misericórdia.

1.1 O amor aos inimigos

O tema do amor aos inimigos é interligado àquilo que se realça sobre a lógica contrária do discípulo missionário de Jesus. Como amar os inimigos, aqueles que matam e oprimem, numa atitude evangélica, quando em contrapartida, na sociedade atual, se pede que a prisão seja morada, as armas instrumentos de defesa, e a violência o modelo de uma caminhada acirrada que supre puramente os instintos?! Os inimigos de que fala o texto do evangelho são aqueles que moram dentro do homem, que muitas vezes, os deixa vencer, esquecendo que o seu território tem como administrador, Jesus Cristo e o seu projeto salvífico. Por isso, segundo o Evangelho, amar os inimigos, rezar pelos que vos perseguem e fazer o bem sem olhar a quem (cf. Mt 6,3-4) é distante daquilo que se prega no mundo, que vive uma "armada" hostilidade. Porém, essas são as atitudes daqueles que buscam viver o amor prático, na vida cotidiana, onde a "planície" se torna o seu campo de atuação, onde se pode ver as realidades mais duras e desafiadoras possíveis, com proximidade, ternura e justiça. Esse itinerário só pode ser feito e entendido verdadeiramente na oração sincera, subindo à montanha, onde não se consegue fugir da realidade da cruz, que põe o discípulo, mesmo imerso nas provocações e injúrias do mundo, na estrada de um amor fiel, distante do mundanismo e próximo a Deus. Essa realidade da cruz, expressa aqui, é o momento pelo qual a dúvida e a perplexidade se projetam na tela da vida discipular, pois aparecem, sem obscuridade, as expressões do cotidiano da vida sofrida, dos conflitos e dos sistemas que oprimem e deixam sem "alimento" tantos filhos de Deus. Vivenciar isso é condição para a proficuidade da vida do discípulo, que se encoraja pela escuta atenta ao Senhor, ou seja, "na decisão de amor universal, gratuito e desinteressado, não é mais o egoísmo o critério ou medida das relações com os

outros, mas a solidariedade que leva à plena participação e identificação com as necessidades dos outros" (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 78).

1.2 O amor gratuito

Esse segundo caminho do amor discipular tem, também, plausibilidade em Mt 10,8b: "De graça recebestes, de graça dai". Para tanto, entender o amor como sendo gratuito e sem interesse, é necessária a solidariedade, que sai das vis ofertas aos círculos pessoais e, por isso, fechados, na Igreja e na sociedade, e parte para o encontro com os famintos e feridos do percurso, cuidando deles com compaixão (cf. Mc 6,34a; Lc 10,33-35); a fraternidade, que sai das estruturas indiferentes do mundo, e vai ao encontro das ovelhas, para fazer comunhão autêntica com as suas dores, sem reservas; e a gratuidade, que não permanece ou vive os pressupostos do mundo atual, visando os lucros e um bem que só pode ser feito através do dinheiro. Não! Uma gratuidade que vai além e amplia o horizonte da história, com um coração despojado e entregue ao "sacrifício misericordioso". Já que a gratuidade do amor discipular integra-se à realidade *misere cordis*, então "o discípulo não só ama com um amor desinteressado para tornar visível o amor de Deus e participar na comunhão dos filhos, mas o pode fazer porque participa da sua realidade profunda" (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 78). Portanto, o amor gratuito é um amor do "desinteresse interessado".

1.3 O amor que perdoa

O terceiro caminho do amor, aquele que perdoa, é a totalidade do amor de Deus no amor humano através de Jesus Cristo, que junta, conforme sinalizado no ponto anterior, a miséria e o coração como ambientes do seu exercício discipular, numa atitude de acolhida, compreensão e confiança. Esse ato do amor de Deus se realça em Jo 8,1-11, quando Jesus refaz a trajetória da mulher surpreendida em adultério, pondo nos escribas e fariseus o escândalo de uma lei que se orienta na "contrariedade" do inclinar-se à misericórdia, o que para eles seria um contrário inadmissível na Lei de Moisés. Assim, Jesus escreve, com o dedo, uma nova Lei: ""Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?" Disse ela: "Ninguém, Senhor!".

Disse, então, Jesus: "Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais" (vv. 10-11). É nessa perspectiva que o amor-perdão se sustenta, pois ele é sempre novo e se renova através de uma adesão humana constante à fidelidade do amor de Deus, que no seu mandamento do amor (Jo 13,34) faz com que o amor tome uma nova constituição, dotada de um vigor que vem de Deus e que se comunica com os discípulos em mandato e envio: "Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso" (Lc 6,36). A partir desta palavra de encorajamento dada por Jesus aos discípulos, que se preparam para a missão, as condições da estrada missionária se perfazem como meta a ser vivenciada: não julgar, não condenar, perdoar e dar. Percebe-se, com isso, que a medida de Deus, experimentada na prática da sua nova Lei, ultrapassa os limites. No mundo, empregar os traços do amor de Jesus, que transborda de fartura na terra do coração humano (cf. Sl 65,12) é uma grande provocação, um motivo de zombaria, pois a lógica da sociedade é puramente opressora e distante da reconciliação, sendo esta ilimitada. Perdoar o irmão e dar a ele a confiança e a oportunidade de caminhar de mãos dadas é uma tarefa árdua na sociedade, pois esta feriria a ação das armas, os punhos violentos que batem, as cordas que açoitam e enforcam; em contrapartida, o perdão ao irmão e, consequentemente, a conquista do seu sorriso reintegrador no mundo, seria como que o oráculo de Iahweh, expresso pelo profeta Amós: "Eis que virão dias – oráculo de Iahweh – em que aquele que semeia estará próximo daquele que colhe, aquele que pisa as uvas, daquele que planta; as montanhas destilarão mosto, e todas as colinas derreter-se-ão" (9,13).

Por isso, a chave teológica que orienta e encaminha esses três passos é uma só: a misericórdia. Esta se inicia através da escuta obediente ao Senhor, que convida para o seu banquete e envia em missão. Os discípulos são munidos de instrumentos que ampliam a ótica de uma reciprocidade, que tem somente o bem ao outro como ápice da peregrinação – "Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles" (Lc 6,31) – e desemboca nos questionamentos constantes da missão, possibilitando no coração, a validação do exercício discipular – "Se amais os que vos amam, que graça alcançais? [...] E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? [...] E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais?" (Lc 6,32-34). É a partir dessas "cisões" que o contrário se integra

na história, tendo como pressuposto a abertura do coração que se encontra-confronta com os inimigos, fita-lhes um olhar misericordioso e perdoa sem custos, fazendo com que estes se tornem irmãos. Por isso, "toda a moral cristã deriva da revelação de Deus: se ele é amor misericordioso, somos chamados a nos tornar misericordiosos com o inimigo e com o irmão" (VIRGILI; BISSI, 2006, p. 70).

2 O olhar discipular para uma missão da misericórdia

Quando se fala em missão da misericórdia, deve-se entender que esta é a missão da lógica contrária, que vivencia as linhas do evangelho de Cristo em um mundo de tantas oportunidades. Dito de outro modo, seria a praticidade de um itinerário que vive um exercício pastoral imerso na realidade do perdão aos inimigos com amor gratuito. Contudo, quais são os inimigos presentes na história e no mundo, e como amá-los com amor eterno, atraídos pela misericórdia (cf. Jr 31,3)? Antes de qualquer coisa, para uma prática da pastoral da misericórdia na vida cotidiana, é importante entender que o discípulo deve buscar a fidelidade a Cristo, o missionário por excelência. Conforme as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, doravante DGAE, através de um "encontro que provoca uma conversão de vida que leva ao discipulado, gera comunidade e impele a sair em missão" (DGAE 2019-2023, n. 12). Esse encontro o impulsiona a sair em missão no mundo, com a força e o ardor que vem de Deus.

É o encontro profícuo com o Senhor que faz o discípulo acolher o seu Reino como "casa" na história, para assim abrir-se aos Contrários e contrários da vida: Contrários, o Evangelho da misericórdia, e contrários, os desafios do mundo que se apresentam em rejeição à graça de Deus atuante na existência. Com isso, faz-se necessária uma análise de quais são os obstáculos que surgem na vida do discípulo missionário de Jesus e qual deve ser a sua atuação para a construção de uma pastoral da misericórdia, que acolhe, contempla, escuta e discerne a vida das ovelhas espalhadas pelo mundo que, a galopes, se transforma e se renova em renovos distantes, muitas vezes, das congruências do Evangelho.

2.1 A cultura urbana na mudança de época

O contexto urbano tem sido um campo de atuação pastoral bastante minado

nos últimos tempos, visto que a sociedade pluralizada tem se esquecido de viver a fé, baseada no Evangelho, através de compromissos profundos com o outro. Isso porque, diante de tantas oportunidades de crença, como o dinheiro, a força individualista como suficiente para se viver, o consumo exacerbado, a relativização da própria existência, pautando-a apenas pelo viés racional, tem se tornado estradas abertas na contemporaneidade. Por isso, torna-se importante repensar a evangelização em meio a uma cultura que sempre se renova, onde não mais "o *campus* da vida" é a Igreja, mas a urbanidade de um mundo que está sempre mudando. Essa aplicação evangelizadora é para todos os lugares e recônditos do mundo, mas se apresentam com mais força e, por isso, com mais desejo de compromisso pela Igreja, nas grandes cidades, onde há a concentração de uma diversidade mais ampla e intensa, seja pela presença mais veemente das relações humanas e sociais, seja, muito mais, pelas grandes formas de sofrimento presentes, como a pobreza, o desemprego, a violência, etc. (DGAE, 2019-2023, n. 30). O Evangelho deve ser o "elixir" que pode modificar, no mundo, as formas de encarar a vida e suas instâncias, as relações humanas e as tentações que se lhe apresentam, como por exemplo, o julgamento, os interesses particulares, e a corrupção, que gera uma dita "atividade" de uns e a passividade de outros tantos, sobretudo, dos pobres e excluídos. Para tanto, alguns traços são necessários para que essa "nova evangelização" aconteça verdadeiramente e possa, mesmo que a passos morosos, dar frutos. São eles: a formação de comunidades eclesiais missionárias que vivam a partilha da Palavra e do Pão em atitude de caridade e missão, com o objetivo de crescer na fé, fortalecer a comunhão e assim, engajar-se na missão dentro da sociedade; a construção de linhas de ação que vivam a proximidade e a confiança com as realidades do mundo, sobretudo, as mais exigentes, para que, partilhando os desafios se chegue à concretude de uma missão encravada na história; e a integração da pastoral da escuta como forma prática e missionária de se viver a comunhão, buscando no Evangelho as palavras e os gestos mais sublimes de uma compreensão misericordiosa da diversidade cultural do mundo urbano. "O que se deve procurar é que a pregação do Evangelho, expressa com categorias próprias da cultura onde é anunciado, provoque uma nova síntese com essa cultura" (DGAE 2019-2023, n. 38).

2.2 Os desafios da nova evangelização na cidade do mundo

A cidade, hoje, é o campo mais simbólico e real da nova evangelização, porém, com inúmeros desafios que se defrontam com a Igreja e dela exigem respostas de fé em meio às perplexidades presentes no mundo. "A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos" (DGAE, 2019-2023, n. 46). É com isso que se percebe, cada vez mais presente nas cidades, sobretudo, nos grandes centros, uma individualidade exacerbada que se tornou "individualismo". Um exemplo bastante presente na vida de todos os dias das metrópoles é o ônibus. Um objeto que poderia servir para o encontro de pessoas, que nele buscam, como intermediário, o pão de cada dia. Mas ele tem se tornado ou já é um meio pelo qual o medo é pressuposto primeiro, pois diante da violência impressa na sociedade, sobretudo, nesta era tecnológica, não mais se tem confiança de um "bom-dia", ou uma conversa esporádica com quem nunca se viu e que, ao término da viagem, possivelmente nunca mais há de se ver. Nesse exemplo se consegue entender os múltiplos desafios que se inauguram na sociedade e que pedem, da Igreja, uma resposta mais clara e objetiva para se viver a subjetividade da missão. Dentre os obstáculos para se viver a lógica do Evangelho no mundo de hoje estão o consumo e o consumismo, que o Papa Francisco chamou de uma "doença muito séria" (DGAE, 2019-2023, n. 51), e que tem ligações com a corrupção dos "grandes" que afeta e faz sofrer tantos "pequenos"; as drogas, gerando vítimas para a dependência química, e quando não para a morte; a violência, que tem na morte do "inimigo" a resolução para os problemas; e ainda, o aborto, que instaura parâmetros de existência a quem ainda não nasceu e entrou na caminhada do tornar-se pessoa (DGAE, 2019-2023, n. 52). Obviamente, outros desafios se abrem, como a pluralidade ética e religiosa, o enfraquecimento da família que tem sido tratada como algo ultrapassado, as questões da degradação ambiental do planeta, e a pobreza interna que habita o coração do homem, cada vez mais sem sentido na vida, o que faz gerar a depressão, a falta de esperança e demais problemas existenciais.

Toda essa realidade que faz parte da visão do mundo é porta aberta para o exercício do discípulo missionário de Jesus. Para tanto, a coragem a esse *múnus* é a grande interrogação que se lhe apresenta, e lhe pede uma resposta de amor

misericordioso a todas essas faces da sociedade, que têm nela, ovelhas do Reino feridas e que clamam "Senhor, salva-me" (Mt 14,30b), para que assim possam cantar a poesia: sálmica: "tu me reavivaste dentre os que descem à cova" (Sl 30,4b).

Considerações finais

Com essa comunicação, buscou-se entender que, na urbanidade da cidade do mundo há a presença de um Deus exigente, desafiante e provocador, ou melhor, de um Deus gritante que chama os seus discípulos, hoje e sempre, para com Ele fazerem a comunhão do inclinar-se ao serviço (cf. Jo 13,1-15), que lhes pede olhar fixo (cf. Lc 4,20b), que o reconheçam no alimento da escuta misericordiosa que faz arder o coração (cf. Lc 24,13-35) e que partam em missão, mundo a fora, pregando a novidade do Evangelho (cf. Mc 6,7-13) na novidade do mundo contrário, que deve ser contrário à coragem do discípulo. Portanto, espera-se com esse estudo, que na lógica do contrário misericordioso, o Evangelho, haja a implícita e atuante coragem do discípulo.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CASALEGNO, Alberto. **Lucas**: a caminho com Jesus missionário. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DO BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VIRGILI, Rosanna; BISSI, Anna. **Misericórdia**: face de Deus e da nova humanidade. São Paulo: Paulinas, 2006.